

### III

#### *OS DEGREDADOS*

Todos os espiritos edificados nas lições sublimes do Senhor reuniram-se, logo após o descobrimento da nova terra, celebrando o acontecimento, nos espaços do Infinito. Grandes multidões elegantes e aéreas formavam imensos hilfens de luz, entre a terra e o céu. Uma torrente impetuosa de perfumes se elevava da paisagem verde e florida, em busca do firmamento, de onde voltava á superficie do sólo, saturada de energias divinas. Sobre os ninhos quentes das arvores, pousavam as vibrações renovadoras das esperanças santificantes e, no Além, ouviam-se as musicas evocadoras da Galiléia, exuberante e agreste, antes das lutas arrasadoras das Cruzadas, que lhe talaram todos os campos, transformando-a num montão de ruinas. Afigurava-se que a região dos pescadores humildes, que conheceu, com mais intensidade, os passos do Divino Mestre, se havia transplantado

igualmente para o continente novo, dilatada em seus suaves contornos.

Uma alegria paradisiaca reinava em todas as almas que comemoravam o advento da Patria do Evangelho, quando se fez presente, na assembléia angusta, a figura misericordiosa do Cordeiro.

Um sorriso complacente pairava nos seus labios angelicos e as suas mãos liricas seguravam um largo estandarte branco, como se um fragmento de sua alma radiosa estivesse ali dentro, transubstanciado naquela bandeira de luz, que era o mais delicioso dos simblos de perdão e de concordia.

Dirigindo-se a um dos seus elevados messageiros na face do orbe terrestre, em meio do divino silencio da multidão espiritual, a sua voz falou com doçura:

“— Ismael, manda o meu coração que doravante sejas o zelador dos patrimonios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Recebe-a nos teus braços de trabalhador devotado de minha seara, como o recebi no coração, obedecendo a sagradas inspirações do Nosso Pai. Reune as incansaveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da patria do meu ensinamento. Para aí transplantei a arvore da minha misericordia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu subli-

mado heroismo... Ela será a doce paisagem dilatada do Tiberiades, que os homens aniquilaram, na sua sede de carnificina. Guarda este simbolo da paz e inscreve na sua imaculada pureza o lema da tua coragem e do teu proposito de bem servir á causa de Deus e, sobretudo, lembra-te sempre de que estarei contigo, no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás para a humanidade dos seculos futuros um caminho novo, com a sagrada revivescencia do Cristianismo...”

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, cheio de lagrimas de reconhecimento, e, como se estivesse em ação o impulso secreto de sua vontade, eis que a bandeira suave tem agora uma insignia. Na sua branca substancia, uma tinta celeste insculpira o lema imortal: “Deus, Cristo e Caridade”. Todas as almas ali reunidas entoram uma hosana melodiosa e intraduzivel á sabedoria do Senhor do Universo. São vibrações glorioas da espiritualidade, que se elevam pelos espaços ilimitados, louvando o Artista Inimitavel e o Matemático Supremo de todos os sóis e de todos os mundos.

O emissario de Jesus desce então á terra, onde estabelecerá a sua oficina. Os exercitos dos sérres redimidos e luminosos acompanham a sua esplendida trajetoria e, como se o chão do Brasil fosse a superficie de um novo Helicon da

mado heroismo... Ela será a doce paisagem dilatada do Tiberiades, que os homens aniquilaram, na sua sede de carnificina. Guarda este simbolo da paz e inscreve na sua imaculada pureza o lema da tua coragem e do teu proposito de bem servir á causa de Deus e, sobretudo, lembra-te sempre de que estarei contigo, no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás para a humanidade dos seculos futuros um caminho novo, com a sagrada revivescencia do Cristianismo... ”

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, cheio de lagrimas de reconhecimento, e, como se estivesse em ação o impulso secreto de sua vontade, eis que a bandeira suave tem agora uma insignia. Na sua branca substancia, uma tinta celeste insculpira o lema imortal: “Deus, Cristo e Caridade”. Todas as almas ali reunidas entãoam uma hosana melodiosa e intraduzivel á sabedoria do Senhor do Universo. São vibrações gloriosas da espiritualidade, que se elevam pelos espaços ilimitados, louvando o Artista Inimitavel e o Matemático Supremo de todos os sóis e de todos os mundos.

O emissario de Jesus desce então á terra, onde estabelecerá a sua oficina. Os exercitos dos sêres redimidos e luminosos acompanham a sua esplendida trajetoria e, como se o chão do Brasil fosse a superficie de um novo Helicon da

imortalidade, a natureza, macia e cariciosa, toda se enfeita de luzes e sombras, de sinfonias e de ramagens perfumosas, preparando-se para um banquete dos deuses.

Os caminhos agrestes são agora sendas de marvilhosa beleza, rasgada pelas coórtes do invisível.

Nessa hora, a frota de Cabral foge das aguas verdes e fartas da baía de Porto Seguro.

Nas fitas extensas da praia, estão chorando, desesperadamente, os dois degredados, dos vinte párias sociais que o rei D. Manoel I destinara ao exilio nas Indias.

Os homens do mar afastam-se daqueles sítios, levando as amostras de sua extraordinária riqueza. Em a toda paisagem existe um largo ponto de interrogação, enquanto os dois infelizes se lastimam sem consolo e sem esperança. Os selvicos amaveis e fraternos abrem-lhes os braços; é dos seus corações rudes e simples que desabrocham, para a sua amargura, as flores amigas de um brando conforto.

Mas, Afonso Ribeiro, um dos condenados ao penoso desterro, avança numa piroga desprotegida e desmantelada, sem que os olhos da historia lhe enxergassem o gesto de profunda desesperação, a caminho do mar alto. Ao longe, percebem-se ainda os derradeiros mastros das caravelas itinerantes. O infeliz degredado anseia por morrer. Os ultimos gemidos são

abafados na sua garganta exausta. Seus olhos, inchados de pranto, contemplam as duas imensidades, a do oceano e a do céu, e, esperando na morte o socorro suave, exclama do íntimo do seu coração:

— “Jesus, tende piedade da minha infinita amargura !... Enviai a morte ao meu espirito desterrado... Sou inocente, Senhor, e padeço a tirania da injustiça dos homens... Mas, se a traição e a covardia me arrebataram de minha patria, afastando dos meus olhos as paisagens queridas e os afetos mais santos do coração, essas mesmas calúnias não me separaram da vossa misericordia !...”

Nesse instante, porém, o pobre exilado sente que uma alvorada de luz estranha lhe nasce no âmago da alma atribulada. Uma esperança nova apossa-se de todas as suas fibras emotivas e, como num suave milagre, a sua jangada rustica regressa, celeremente, á praia distante. Em vão as ondas sinistras e poderosas tentam arrebata-lo para o oceano largo. Uma força misteriosa condu-lo á terra firme, onde o seu coração encontrará uma família nova.

Ismael havia realizado o seu primeiro feito nas Terras de Vera Cruz. Trazendo um naufrago e inocente para a base da sociedade fraterna do porvir, ele obedecia a sagradas determinações do Divino Mestre. Primeiramente, surgiram os indios, que eram os simples de co-

ração; em segundo lugar, chegavam os sedentos da justiça divina e, mais tarde, viriam os escravos, como a expressão dos humildes e dos aflitos, para a formação da alma coletiva de um povo bem aventurado por sua brandura e fraternidade. Naqueles dias longínquos de 1500, já se ouviam no Brasil os ecos suaves e doces do Sermão da Montanha.